

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de S. Paulo Class.: Mata Atlântica

Data: 26/12/93 Pg.: C-4 17

MEIO AMBIENTE

# Mantiqueira passa por processo de recuperação

Nelson Almeida/AE

*Estudo mostra que nos últimos anos têm sido registrados índices elevados de reposição de Mata Atlântica, devastada pela especulação imobiliária e por madeireiros*

JÚLIO OTTOBONI

**S**ÃO JOSÉ DOS CAMPOS — Ao longo dos últimos anos os trabalhos de preservação da Serra da Mantiqueira estão sendo intensificados. Um dos últimos e maiores redutos de Mata Atlântica contínua existente no País, principalmente na Região Sul, sofre hoje agressiva especulação imobiliária e grave processo de erosão resultante dos desmatamentos.

Pelos dados de recente relatório ambiental feito pela Fundação SOS Mata Atlântica, com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o trecho paulista da Serra da Mantiqueira é o mais devastado, mas também o de maior grau de regeneração em relação ao Rio e Minas. "Essas características não são semelhantes a nenhuma outra região pesquisada", diz a geógrafa da fundação, Diana Hamburger.

O mapeamento feito entre 1985 e 1990 identifica áreas da Mantiqueira em toda a sua extensão — nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio. A Carta de Volta Redonda, que integra o relatório do SOS Mata Atlântica, apresenta ao mesmo tempo pontos de fragmento na mata contígua e de recupera-

ção vegetal. Segundo Diana, significativa parcela das áreas desmatadas foi regenerada no decorrer desses cinco anos. O processo se deve, provavelmente, à dificuldade no uso do solo nas encostas, que acaba favorecendo a preservação. "O relevo acidentado e íngreme dificulta a ocupação", observa a pesquisadora.

Os números do mapa de Volta Redonda — que abrange um terço da Mantiqueira e da Serra do Mar, e se refere ao segmento de serra pertencente aos Estados do Rio e de Minas e da divisa com São Paulo — surpreenderam os cientistas pelo alto grau de preservação da mata. Na parte fluminense, a vegetação abrangia, em 1985, 247.702 hectares, passando depois de 5 anos para 245.635 hectares. O desmatamento foi de 3.786 hectares, mas 1.719 foram recuperados. "Não quer dizer que essa vegetação tenha a mesma qualidade da nativa", afirma Diana.

Do lado mineiro, a carta apresenta os seguintes índices: em 1985 a mata cobria 121.950 hectares, e, em 1990, 121.395. Houve desmatamento em 1.264 hectares e replantio em 709 hectares. A parte paulista registra o menor nível de recuperação em relação ao



Desmatamento em área de preservação ambiental: pesquisadores detectaram "quadro devastador" na região do Vale do Paraíba.

devastado. Em 1985 eram 58.862 hectares, que passaram em 1990 para 58.534 hectares. O desmatamento atingiu 425 hectares. Só 97 foram reabilitados.

A SOS Mata Atlântica ainda registra poucas denúncias de desmatamento da Serra da Mantiqueira. As duas já feitas vêm das

idades de Borda da Mata e Extrema (MG), onde a destruição não é tão acentuada. Nos dois casos houve grande derrubada de árvores em locais de preservação permanente: a primeira resultou da ação de madeireiros, e a outra, da especulação imobiliária.

Já a Carta de Guaratinguetá,

que se refere a três quartos dos limites da Mata Atlântica paulista pertencente à Mantiqueira, englobando o Vale do Paraíba, mostra a gravidade de um quadro devastador. Em 1985 a área coberta era de 44.191 hectares, e passou em 1990 para 38.278 hectares. O desmatamento foi de 5.913 hectares, sem

nenhuma recuperação. Do lado mineiro, a vegetação estendia-se por 52.495 hectares e caiu para 49.503 hectares. A taxa de desmatamento ficou em torno de 2.992 hectares, sem nenhum replantio. "A Mantiqueira está bem fragmentada na região do Vale do Paraíba", denunciam os pesquisadores.